

“EU AMO A LÍNGUA PORTUGUESA!”: O DISCURSO DE USUÁRIOS DO ORKUT

Dánie Marcelo de Jesus¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é investigar as práticas discursivas de usuários de três comunidades virtuais do Orkut – *Salvem a Língua Portuguesa!!!*, *Não mate a Língua Portuguesa!*, *Pérolas da Língua Portuguesa* – com a finalidade de compreender quais concepções de língua portuguesa subjazem ao discurso dos participantes. O estudo insere-se na linha da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1995). A metodologia de pesquisa é de caráter interpretativo e a análise buscou apreender as ideologias que se materializam nas escolhas linguísticas dos usuários das comunidades. As conclusões apontam para uma concepção de língua formalista calcada na gramática normativa.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia, Ensino de línguas, Análise Crítica do Discurso

“I LOVE PORTUGUESE LANGUAGE!”: THE DISCOURSE OF ORKUT USERS

ABSTRACT: The aim of this paper is to investigate the users' discursive practices of three virtual Orkut communities – *Save Portuguese!!!*, *Don't kill Portuguese!*, *Pearls of Portuguese* – to understand what conceptions of the Portuguese Language are embedded in the participants' discourse. The study is based on Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 1995). The research methodology is interpretative and the analysis focuses on the ideologies encoded in the linguistic choices of the members of the communities. The conclusions lead to a formal conception of language based on the normative grammar.

KEYWORDS: Ideology, Language Teaching, Critical Discourse Analysis

1 Professor do Departamento de Letras da UFMT/Campus Universitário de Rondonópolis e do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem -MeEL daniepuc@yahoo.com.br

O crescente acesso de usuários à Internet e o surgimento de vários gêneros textuais têm possibilitado alteração de nossas interações cotidianas e, em alguns casos, a maneira de encararmos a escrita e suas convenções ortográficas. Essas mudanças podem ser vislumbradas em comunidades virtuais como o Orkut que vem arrebatando jovens e adultos. Nessa comunidade, por exemplo, é comum a quebra de normas ortográficas e a introdução de elementos icônicos como *emoticons*, imagens e fotos para o intercâmbio entre os pares ou entre os grupos, criando redes sociais que ligam pessoas com interesses comuns. Para isso, os participantes criam comunidades virtuais em torno de diversos temas, com a finalidade de reunir o maior número de pessoas que possuam afinidade com assunto em pauta. Os participantes apresentam suas opiniões, suas crenças e suas críticas sobre um determinado assunto. Dessa maneira, as comunidades do Orkut acabam se estruturando a partir de diferentes ideologias.

Por conseguinte, torna-se um ambiente propício à investigação de linguistas preocupados com a dinamicidade do ambiente digital e suas consequências sociais. Essas comunidades também são reveladoras quanto à forma como certos segmentos da sociedade brasileira interagem com determinados temas. Portanto, ao compreendermos como esses usuários representam determinados assuntos, podemos ter pistas de como certas ideologias são constituídas no pensamento social.

Diante disso, procuramos investigar diferentes comunidades estruturadas em torno do tema “língua portuguesa”, com o objetivo de mapear algumas ideologias e como elas se materializam nos discursos dos internautas. Nessa busca, deparamo-nos com comunidades especialistas em analisar, criticar e oferecer apoio com relação a inadequações linguísticas observadas na interação face a face ou entre os participantes no universo do Orkut. Percebemos que, nessas comunidades, os usuários mantinham-se na posição de políciadores da norma padrão. Diante desse fato, decidimos investigar tais posturas com relação à língua materna, que, a nosso ver, são de origem ideológica. Utilizamos, para isso, a ferramenta teórica da Análise Crítica do Discurso, bem

como a pesquisa interpretativa que, acreditamos, dialoga com o olhar discursivo escolhido.

1. Análise Crítica do Discurso

Fairclough (2001, p. 89) define sua abordagem como um arcabouço teórico que reúne uma análise do discurso orientada linguisticamente pelo viés sistêmico-funcional, juntamente com um pensamento crítico de base social e política apropriado de teóricos sociais como Althusser (1985), Giddens (1991) e Gramsci (2000) e do discurso como Foucault (1971), com a finalidade de entender o processo de mudança social. Para ele, discurso é entendido como forma de *prática social* que constrói o mundo em significações. Essas práticas sociais do discurso contribuem para compor as identidades dos sujeitos e suas relações sociais, bem como suas crenças e seus conhecimentos. Assim, em sua visão de linguagem, Fairclough focaliza a relação de poder e a ideologia, constitutivas das dimensões sociais do conhecimento, das relações e da identidade social.

A ideologia, no entender de Fairclough (2001, p.116), está sedimentada em três proposições. A primeira afirma que a ideologia tem sua existência própria nas práticas das instituições e, por isso, possibilita a investigação das práticas discursivas como formas materiais de ideologia. Para a segunda, a ideologia perpassa o sujeito, constituindo-o. A terceira proposição evidencia que os aparelhos ideológicos do Estado (escola, mídia, igreja, família etc) são demarcadores da luta de classe e, em consequência, das lutas no interior do discurso. Partindo dessas três proposições, Fairclough (2001, p.117) define ideologia como:

significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, para a reprodução ou para a transformação das relações de dominação.

As “práticas discursivas” constituem a dimensão do uso da linguagem que envolve os processos de produção, distribuição e consumo dos textos, variando de acordo com os

tipos de discursos e fatores sociais. As práticas discursivas têm um caráter convencional que reproduz as condições de produção da sociedade como valores, comportamentos e crenças sociais do mundo capitalista, constituindo uma complexa teia de luta de poder, gerador de ideologias diversas que se auto-alimentam. É dessa forma que as pessoas assumem ideias e atitudes que não são suas, mas que lhes são impostas de forma tão sutil que elas as defendem como suas próprias. Sendo assim, poderíamos pensar que o indivíduo é um assujeitado e é sempre um instrumento de reprodução das relações de produção capitalista. Essa concepção é profundamente rejeitada por Fairclough. Para ele, as práticas discursivas, além do processo convencional ou reprodutor, trazem no seu bojo a capacidade de transformar as relações de poder com suas respectivas ideologias.

Desse ponto de vista, o agente social, mesmo em uma sociedade capitalista, pode ser instrumento de mudanças e é justamente neste princípio que o trabalho de Fairclough está sedimentado. Ele acredita, inexoravelmente, na capacidade de mudança social, enfatizando a possibilidade de o indivíduo, mesmo sob forte domínio da sociedade, poder contra ela se rebelar e alterá-la. É a capacidade de dar novos sentidos ao antigo, transformando-o de fato em uma situação nova, tornando realidade aquilo que como possibilidade estava latente. Mais ainda, é o que faz renascer a fênix de um pensamento inovador, de uma produção artística, de um movimento pelos direitos humanos e de uma resistência ao despotismo e o triunfo contra ele.

Por isso, Fairclough vê as práticas discursivas dentro de uma perspectiva dialética, ou seja, não é seu objetivo apagar a história que descortina quão dominante tem sido o papel exercido pela sociedade capitalista sobre sujeito que dela faz parte, silenciando-o, oprimindo-o, assujeitando-o, das mais diversas formas e nos mais diferentes lugares. Por outro lado, Fairclough não esquece o papel do processo criativo de mudança que as práticas discursivas exercem na sociedade. Essa superação das práticas discursivas reprodutoras pode constituir uma “ameaça” para aqueles que detêm o poder, criando tensões entre as forças convencionais e as criativas.

Já em um plano textual, Fairclough advoga a importância de compreendemos que todos os enunciados ditos remetem a outros, chamando esse recurso de que dispomos para compor significados de “intertextualidade”. Em outras palavras, intertextualidade é a relação de um texto com outro texto: é como se os textos funcionassem como um mosaico para outros textos. Um texto dialoga com outros, pressupondo que o leitor partilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de um universo cultural. Para Fairclough (2001), a historicidade do texto exerce um papel significativo na mudança sociocultural da sociedade. Portanto, para a Análise Crítica do Discurso, é importante mapear os processos intertextuais e seus limites para compreender como se processam e se estruturam as lutas hegemônicas no interior do discurso, para que possamos contestá-las e reestruturar a ordem de discurso, entendida como práticas discursivas de uma instituição e as relações entre elas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 39)

Por essa razão, o significado no texto é de natureza heterogênea, com diversos ecos de significação que se sobrepõem e se contradizem, fazendo com que o texto seja altamente ambíguo e aberto às múltiplas interpretações. Isso requer do intérprete uma capacidade de reduzir essa ambivalência pela opção de um sentido particular ou de sentidos alternativos (FAIRCLOUGH, 2001, p. 103).

Revisitado o viés teórico, vamos, então, conhecer o caminho metodológico e o contexto da pesquisa.

2. Metodologia da pesquisa

Este estudo se baseia na pesquisa interpretativista ou naturalística (Erickson, 1986/1990, p. 77-78), que subsume que o contexto natural e os participantes nele envolvidos são de relevância para a compreensão do que ocorre no momento em que os interlocutores se comunicam.

O adjetivo interpretativista foi o escolhido por o considerarmos um termo mais inclusivo do que outros (etnografia, estudo de casos, qualitativa). Também evita a definição dessas abordagens como essencialmente não-quantitativas. O ponto central dessa abordagem é o significado das ações

na vida social, bem como sua elucidação e exposição pelo pesquisador. A abordagem interpretativista compreende a realidade não como um fato, mas como interpretação do discurso dos diferentes participantes que compõem o ambiente pesquisado. Por esse ponto de vista, a pesquisa interpretativa parece estar em sintonia com a visão teórica da Análise Crítica do Discurso.

3. Contexto da pesquisa

Para compreendermos qual a concepção de alguns usuários do Orkut sobre a língua portuguesa, seguimos alguns critérios para sistematização dos dados. Primeiramente, foram observadas comunidades que versavam diretamente sobre a língua portuguesa. Nessa busca, deparamo-nos com 312 comunidades. Destas, foram selecionadas três comunidades pelo seu objetivo enfático de defesa da língua portuguesa e pelo número mais expressivo de participantes, são elas: *Salvem a Língua Portuguesa!!!* (70.078 membros), *Não mate a Língua Portuguesa!* (3.081 membros), *Pérolas da Língua Portuguesa* (2.295 membros). A análise levou em consideração as imagens vinculadas às comunidades por considerá-las elementos fundamentais na compreensão do discurso dos participantes.

Por meio dos dados coletados e mediante uma leitura cuidadosa, procuramos constatar temas recorrentes no discurso dos usuários das comunidades. Encontramos tópicos com relação a elementos apelativos para salvação da língua portuguesa e diagnóstico de “erros linguísticos” de falantes de língua portuguesa. No plano icônico, percebemos uma alusão a elementos que representam ambiente escolar como lápis, caderno de anotação e professor.

4. Elementos icônicos

Uma imagem não produz apenas o que é visível, pois a sua presença em determinado contexto se constitui em significado, conclamando o leitor, por meio do processo de interpretação, a reconstruir o efeito de sentido que se institui entre a imagem e o leitor. Por esse ângulo, qualquer imagem é ideológica, à medida que constrói uma determi-

nada realidade. Por exemplo, as escolhas não-verbais das comunidades do Orkut revelam um efeito ideológico de sustentação e manutenção do discurso verbal. Nesse caso, a linguagem não-verbal parece conduzir o leitor para um sentido único, traduzindo em imagem o que está escrito de forma apelativa. Vejamos a imagem a seguir:



Salvem a Língua Portuguesa!!!

Essa imagem remete-nos à figura de uma provável professora, horrorizada pelos possíveis erros linguísticos apresentados por alguém, no nosso caso, pela página da comunidade *Salvem a Língua Portuguesa!!!*. Essa imagem acaba assumindo um *status* de monitor da língua, já que é na escola que vivenciamos situações de uso formal da língua padrão. Como qualquer processo de interpretação, esse também é histórico, já que a imagem de um professor remete-nos a uma das funções sociais da escola: vigiar, punir e controlar as diversas manifestações linguísticas. Até mesmo, a etimologia da palavra professor – aquele que professa uma crença, uma religião (HOUAIS, 2001) – traz no seu bojo a concepção de salvador de uma norma. Daí, o título da comunidade *Salvem a Língua Portuguesa!!!* também evocar a noção religiosa na sua constituição semântica.

São essas vozes herdeiras de um tecido social que impregna nossa voz, nossas escolhas linguísticas que constituem a arquitetura das representações sociais. Assim, quer seja implícita ou explicitamente, as vozes de outros sujeitos penetram na voz daquele que escreve ou materializa suas

posições, quer seja verbalmente ou não. Assim, essa comunidade, ao apresentar a imagem de uma professora em estado desesperador nos remete a algo anteriormente dito, ou seja, à nossa memória discursiva que nos impulsiona a rever fatos escolares, momentos desesperadores de nossas antigas professoras com nossas próprias produções acadêmicas. Essa posição parece perseguir outras comunidades do Orkut. Visualizemos o exemplo a seguir:



Nossa Língua Portuguesa

De modo semelhante à comunidade anterior, a comunidade *Nossa Língua Portuguesa* parece se basear na premissa da primazia da escrita sobre a fala. Nessa comunidade, a imagem que se destaca é de um lápis e um caderno, aludindo, dessa forma, a um saber escolar fruto de uma ideologia que nega qualquer outra manifestação linguística que não a escrita padrão. Dentro dessa concepção, o erro deve ser tratado, consertado e se possível sanado. Assim, instaura um poder que consolida uma verdade: a aprendizagem de uma língua materna se restringe às regras gramaticais e a um rol de nomenclaturas.

A vinculação da gramática à escrita, retratada na imagem, conclama-nos a uma tradição que considera o registro e a sistematização de uma variedade eleita por uma classe dominante que detém o poder e cujo objetivo é a comunicação entre os participantes desse grupo social por intermédio

de um código específico que exclui a classe estigmatizada. O argumento constantemente utilizado para justificar a gramática é a legitimidade de valores nacionais, ou seja, a defesa de uma cultura e de um saber que caracterize nossa identidade. Essa preocupação identitária parece revelar preconceitos que se materializam em enunciados que buscam perpetuar um sistema de referência construída no caminhar de nossa história. Entretanto, o aspecto mais nefasto dessa ideologia é a negação que os indivíduos têm de si mesmo, pois, ao considerar falantes de língua materna como incompetentes, tira-lhes o direito da palavra e, portanto, de serem sujeitos.

Apresentadas as imagens que compõem as comunidades do Orkut, passamos a analisar a materialidade linguística dos enunciados.

5. Elementos apelativos para a salvação da língua portuguesa

As páginas introdutórias das comunidades do Orkut trazem, de um modo geral, os objetivos, o público-alvo e os tópicos que serão discutidos. Como podemos perceber nos excertos que seguem:

Quem nunca sentiu uma pontada no coração ao ler coisas do tipo...

Amiga, não vou pq estou com SINOZITE.

Fui CONS meus pais.

Nossa quanta CONHECIDÊNCIA!

Eu sei que é ruim MAIS tem coisa pior.

Aaaaaaaahhh!! Por favor!! Não vamos assistir calados a esse crime hediondo (pelamordedeus, não é ODIONDO)!!

Postem aqui as pérolas e vamos tentar salvar a Língua Portuguesa da morte!!!!

Deus abençõe a cada membro da comunidade (Salvem nossa Língua Portuguesa!!!)

A comunidade *Salvem nossa Língua Portuguesa !!!* parece tomar para si a defesa inexorável dos aparentes ataques à língua portuguesa. O próprio título da comunidade se

traduz em um discurso imperativo que conclama todos participantes a vivenciarem um processo de militância em favor dos ideais de pureza da língua. O verbo “salvar”, por exemplo, nos remete a ecos de outras cruzadas públicas em prol de algo em risco de extermínio como: “Salvem o planeta!! Salvem as baleias”, produzindo o efeito de sentido de que a extinção ronda bem de perto a nossa língua. Essa imagem de aparente possibilidade de morte é reforçada pela metáfora da dor (Quem nunca sentiu uma pontada no coração ao ler coisas do tipo...) que faz alusão a uma morte cardíaca.

Essa concepção tem suas raízes ideológicas no mito da unidade linguística (BAGNO, 2002). Aqueles que a defendem acreditam que existe apenas uma norma – a norma padrão – que deve ser utilizada e respeitada, ou seja, para eles vivemos em mundo sob a égide da homogeneidade, da transparência e da não-contradição. Essa atitude parece requerer dos leitores desses enunciados uma opção única de sentido, temos apenas uma verdade: uma língua padrão que nos orienta e nos governa.

Não podemos deixar de notar que as críticas irônicas, feitas pela comunidade “Salvem nossa Língua Portuguesa!!!”, destacam apenas o aspecto ortográfico (SINOZITE, CONS, CONHECIDÊNCIA!, MAIS). Na verdade, ao destacar os “erros ortográficos”, a voz apelativa da comunidade acaba evidenciando uma luta hegemônica no interior do discurso. Assim, uma relação dicotômica entre o certo e o errado é materializada, utilizando para isso o recurso de caixas altas e negrito, bem como pela evocação religiosa (Deus abençoe a cada membro da comunidade) que permitem criar visualmente o distanciamento entre o discurso da voz denunciadora e o dos que cometem equívocos linguísticos.

Outras comunidades parecem assumir uma característica menos preconceituosa. Como podemos perceber no exemplo a seguir:

Nossa Língua Portuguesa *necessita de atenção especial no que diz respeito à valorização de nossa gramática, aos estudos linguístico, cujo objetivo é oferecer as mais diversas ferramentas necessárias para concatenarmos nossas ideias e podermos utilizar as várias linguagens, de acordo*

com o contexto, bem como interpretar o universo que nos cerca. (comunidade Nossa Língua Portuguesa).

A comunidade *Nossa Língua Portuguesa*, apesar de afirmar a necessidade do contexto para o usuário da língua, ainda parece ignorar outras variedades linguísticas e também outras línguas que coexistem com português. Ao utilizar o pronome “nossa”, a voz que pronuncia parece assumir que os participantes compartilham igualmente a mesma variedade. Daí, a importância de preservá-la (***Nossa Língua Portuguesa necessita de atenção especial no que diz respeito à valorização de nossa gramática***). O ponto central do enunciador reside em assumir que temos uma única gramática a ser seguida. Como nos incutiu a nossa formação escolar, vemos a necessidade de repreender toda forma linguística que desvie da variedade padrão, a exemplo da voz que fala no extrato que segue:

Esta comunidade está aqui para você que já come-teu várias pérolas ou tem amigos que conseguem assassinar a nossa língua a cada palavra que diz. Se você é essa pessoa, entre para essa comunidade e desabafe! (Pérolas da Língua Portuguesa).

Respalhado em motivações sociais, o discurso da comunidade *Pérolas da Língua Portuguesa* rubrica o incorreto como uma irônica comparação com uma jóia de altíssimo valor. Quem enuncia se apresenta como uma *persona*, uma voz que fala e que designa seu interlocutor pelo pronome “você”. Essa relação é desigual, pois quem fala parece assumir uma atitude de autoridade de um terapeuta de comportamentos linguísticos desviantes, convidando os participantes a se desabafarem, expondo suas próprias imperfeições ou denunciando as dos outros.

A palavra “desabafo” demonstra o quanto esses “erros” linguísticos podem se tornar angustiantes para aqueles preocupados com a normatização da língua. Isso nos leva a supor que os normatizadores do Orkut parecem assumir um papel de intolerância em relação à alteridade linguística. Essa atitude evidencia uma violência simbólica (BOURDIEU & PASSERON, 1975), um poder arbitrário da comunidade de silenciar, de ironizar, de constranger um grupo pela força de outro.

Esse jogo de poder acaba evidenciando as distâncias sociais na nossa sociedade. Daí, as ironias, os gracejos comuns nas comunidades do Orkut, cujos participantes vivem sob a égide de um desejo por uma modalidade escrita que não faz parte nem mesmo de seu próprio cabedal linguístico.

6. Diagnóstico de “erros” linguísticos

No interior das comunidades observadas, os internautas procuram avaliar os textos dos participantes à luz da gramática, atribuindo-lhes uma nota pelo seu desempenho linguístico, como demonstra o exemplo seguinte:

David - 8,5 * A pontuação no texto está bem inovadora!
“Do tipo Incapaz de (...)” A letra maiúscula era para enfatizar? Só isso!

Avaliar, entre muitas coisas, significa julgar, dar um valor a determinado objeto. No exemplo acima, o participante coloca-se na posição de quem pode estabelecer a valia de um saber, no caso, a produção linguística de outro sujeito. Como sabemos, todo discurso é uma ação que inscreve o sujeito no mundo, demarcando sua posição, ora selecionando ou excluindo determinados sentidos. No nosso exemplo, o sujeito dentro de um regime de verdade constitui o discurso do outro a partir de uma ideologia dicotômica de certo ou errado. Isso nos leva a refletir que o sujeito fala de um lugar social demarcado por regras que definem o que pode e como deve ser dito algo. É somente nesse lugar que podemos entender o discurso do usuário (David) que, em outro contexto de produção, assume novas configurações semânticas e que pode ser contraditório pela própria natureza da linguagem. Vejamos o exemplo:

David – Na verdade, eu quis dizer ONDE mesmo. Aonde só se usa quando o verbo for regido pela preposição a, como:
- Aonde você vai? - Irei à “tal lugar”. Não é este o caso.

CARLÃO ESSE “FOR” É DO VERBO “IR” E, PORTANTO, O CERTO É “AONDE”

Kaká Você precisa estudar mais um pouquinho antes de tentar corrigir os outros. O certo é ONDE 😊

David - Obrigado Jorge! Kaká, Errar uma vez é humano.
Persistir no erro é... humano também! =)

Como em qualquer arena social, a palavra é disputada pelos indivíduos para assumir um poder. Aquele que a domina, ou pelo menos pensa que o faz, desempenha um papel de liderança. Por conta disso, no excerto, vemos os participantes lutando para ocupar um espaço que eles desejam – o direito de poder criticar o discurso do outro. Como dito antes, esse saber é historicamente consagrado pelo conhecimento gramatical. Entretanto, aquele que julga pode ser objeto futuro de julgamento como é o caso de David que passa da condição de avaliador à condição de vítima do saber, assumindo a sua contradição (Errar uma vez é humano. Persistir no erro é... humano também!). David demonstra o quanto sua posição de juiz é contraditória e passível de ser também questionada. Assim, aqueles que julgam que detêm um saber são constantemente engolidos por esse poder que se manifesta em contradições que, longe de serem negativas, são reveladoras do dinamismo e da natureza do discurso, afetando mesmo aqueles que pensam que estão imunes à inexorável ação dialética do discurso. A respeito disso, Foucault (2005, p. 171) assim se manifesta:

O discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedecem à que oculta. Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência.

Algumas considerações

Ao longo deste texto, buscamos analisar o discurso de três comunidades do Orkut. As escolhas lexicais e não-verbais apresentadas na materialidade linguística evidenciaram como os participantes dessas comunidades caracterizavam a “realidade linguística” nos seus textos. Percebemos que o discurso dos participantes está sedimentado na concepção da imutabilidade e da unidade da língua, percepção forjada

ao longo de nossa história de escolaridade. Assim, como vimos, as opções de palavras ou frases não nascem de um acaso, mas estão diretamente relacionadas a processos sociais e culturais mais amplos (FAIRCLOUGH, 1992, p. 01). Esses processos decorrem da nossa interação com outro que tece os fios delicados das redes sociais que nos alimentam e constituem nossas práticas discursivas, que, em muitos casos, não são conscientes. Isso não quer dizer que somos meros frutos do meio ambiente como acreditavam alguns romancistas naturalistas, mas nossa capacidade de pensar e agir é constituída socialmente.

Como Fairclough (2001), acreditamos que é possível desvelar e talvez alterar certas concepções que nutrem o discurso hegemônico. Ao desvelá-las, podemos refletir e nos (re) constituir para que um dia possamos encontrar uma sociedade mais igualitária. A análise de comunidades do Orkut revela também o quanto nossa sociedade ainda tem dificuldade de entender a natureza heterogênea da linguagem, apesar do avanço das pesquisas linguísticas. As forças ideológicas que sustentam essa visão social parecem se fortalecer, à medida que milhares de pessoas são alijadas de uma educação de qualidade. O discurso dos internautas apenas demonstra a necessidade de uma linguística crítica capaz de problematizar os efeitos das ideologias que mascaram e subjagam os sujeitos.

Referências

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. 11^a ed. Loyola: São Paulo, 2002.
- BOURDIEU, P & PASSERON, J.C. A. **Reprodução**. Elementos para uma teoria do ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. **Handbook of the research on teaching** 3d edition. M. WITTRICK, ed. New York: Macmillan. Also, 1986/1990.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. UNB, 2001.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. São Paulo: Vozes, 1971.

_____. **A arqueologia do saber**. ed.7°. Rio de Janeiro: Forense

Universitária, 2005.

GIDDENS, A. **Modernity and self-identity**: self and society in the late modern age. Cambridge: Polity Press, 1991.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.